

federal. Fora eleito, em 1945, pela mocidade pernambucana, como reconhecimento à sua luta desassomburada em favor da redemocratização do País. Aqui, no Congresso, na Assembléia Nacional Constituinte, na Câmara dos Deputados, não foi somente o escritor, que chegava da Província com a glória de seus feitos ilustres, conhecidos internacionalmente através das questões e problemas analisados em suas obras e nos seus livros. Mas também foi o Parlamentar de visão e descortino, defendendo as causas do nosso Estado, sem prejudicar os interesses da Nação, representante legítimo da cultura e do civismo do povo Pernambucano.

Escritor e parlamentar, pensador e político, jamais uma dessas condições preponderou sobre a outra. Mas, antes, integravam-se como linhas de uma mesma face, como planos de uma mesma superfície, levando seu espírito a contribuir assinaladamente para a Carta Política de 46, onde se destacam suas proposições, das quais avultam aquelas destinadas a atenuar as restrições aos direitos dos brasileiros naturalizados, ou senão uma outra em que se firmasse claramente o princípio da conciliação da liberdade de iniciativa com a proteção do trabalho e do trabalhador. Igualmente, seu projeto de lei concedendo recursos ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar para a construção de uma colônia de férias em Garanhuns, ou o projeto que fundava o Instituto de Pesquisa Social "Joaquim Nabuco", o primeiro do grupo de institutos de pesquisa social e ecológica, destinado a servir, sob a direção de técnicos, auxiliados por estudantes das escolas superiores, a toda a região agrária que vai da Baía do Amazonas, tratando do trabalhador rural e do pequeno lavrador, na região do latifúndio, da monocultura e do regime semifeudal de trabalho.

Seus discursos, alguns dos quais compoem todo o volume do livro "Quase Política", produziam no plenário, sempre que falava, a atenção geral das Bancadas. Na verdade, discursos sérios e estudados, vivos e humanos, em que abordou sempre assuntos de importância para a nacionalidade, sem os refrões veementes da oratória inflamada e desprovido dos transbordamentos extremos de atitudes demagógicas.

Mas, onde Gilberto pontificou mesmo foi no âmbito da Comissão Técnica de que fez parte, a Comissão de Educação e Cultura, cujos arquivos guardam seus trabalhos de pesquisa, de investigação, de meditação, como se estivesse trabalhando dentro de um laboratório ideal. Falando sobre a História Parlamentar do Brasil, no programa do sesquicentário do Poder Legislativo, numa conferência presidida pelo nosso companheiro, Senador Aderbal Jurema, ele comparou mesmo o Parlamento à um grande laboratório:

"Um Parlamento é um grande laboratório, onde se chocam tantas paixões, tantas grandezas, tanta mesquinha, que é para Shakespeare não ter conhecido um Parlamento Moderno."

Pois foi neste laboratório que desempenhou sua missão de Parlamentar, que se devotou mais ao documento que à inspiração, mais à pesquisa que à tribuna, mais à ciência que à eloquência, mais à psicologia aplicada que ao exibicionismo, mais ao silêncio criativo e anônimo da Comissão que ao êxito ostensivo da palavra. Como Nabuco, no Parlamento do Império, ou Andrade Bezerra, Antônio Vicente de Andrade Bezerra, no Congresso da República, que também foram intelectuais e políticos — intelectuais e políticos de Pernambuco — a serviço das causas sociais, Gilberto honrou e engrandeceu nossa vida parlamentar. Se a Nabuco devemos a abolição da escravatura, e todo o esforço que iniciou depois em suas memoráveis campanhas pela organização do trabalho livre, pela orientação científica da lavoura, pela assistência ao trabalhador, pela sua casa, pela sua família, pelo seu valor ético, pelo seu direito à propriedade onde tenha a posse do trabalho, em Antônio Vicente de Andrade Bezerra, reconhecemos o pioneiro também das reformas sociais, batendo-se, de 1918 a 1923, por um regime de trabalho industrial, por uma lei de Acidentes do Trabalho, pela questão operária, pela Organização Internacional do Trabalho, pelo problema das imigrações operárias, pela fundação de Caixa de Aposentadoria e Pensão, através de projetos, pareceres e discursos que a memória da Nação um dia há de levantar, para a devida justiça da História.

Como Andrade e Nabuco, Gilberto continua identificado com os propósitos da Nação, no conjunto de suas idéias, pensamentos e ações políticas. Em seu solar de Apipucos, pode parecer alheio do mundo, mas, na verdade, está ligado aos rumores que vêm da rua e procura novos caminhos para todos. Passou pelo Parlamento e sente de novo o choque da trepidação política.

O Escritor compreende que a conjuntura lhe amplia a sensibilidade e, por isso, aos oitenta anos vem de novo à tribuna para falar à Nação. O escritor e o Parlamento estão juntos.

A posteridade, Gilberto, terá de ouvi-lo, porque sua palavra e sua voz, o seu espírito, reviverão politicamente em outras gerações.

Extraordinário homem, este Gilberto Freyre! (Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado).

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Eloquentes e substanciais discursos aqui foram proferidos, em nome do Congresso Nacional, para homenagear, e de maneira excepcional, que talvez só encontre paralelo na mesma homenagem que a França prestou ao Victor Hugo, por ocasião dos seus 80 anos, esse grande vulto da nossa nacionalidade que é Gilberto Freyre. Senadores e Deputados, todos eles expressaram, de maneira vibrante e perfeita, o que a Nação pensa de Gilberto Freyre. E, se a Nação que é representada, nesta Casa, pelo que tem de mais diverso quanto à sua representação, às suas regiões, às suas classes, é, portanto, o Brasil todo que aqui está, neste momento, para saudar esse grande brasileiro que é também, e faz questão de proclamá-lo, um grande pernambucano. Diria mesmo que ele não desejou poder repetir, algum dia, uns versos do seu amigo e colega Manuel Bandeira, versos que ele citou num prefácio à obra de Manuel Bandeira:

"Saf menino da minha terra,  
Trint' anos passei longe dela,  
Diabo, leve quem pôs bonita a minha terra".

Gilberto Freyre jamais repetirá esses versos, porque ele continuou na sua terra, continuou ali, em Apipucos, enquanto seus livros, o seu nome, a sua fama, a sua glória continuaram e encheram o Brasil, correram mundo, tornaram-se conhecidos, admirados e aplaudidos por todos os grandes centros da cultura mundial. Ele permaneceu ali, ancorado em Apipucos, sabendo que para ser um grande homem não é preciso se deslocar da sua terra. Lá está, lá continua e é de lá que vamos buscá-lo para homenageá-lo em nome do Brasil, em nome de nossa Pátria; e o fazemos com orgulho.

Eu, em particular, como foi assinalado pelo eminente Senador Aderbal Jurema, sou devoto de Gilberto Freyre, mais velho do que disse o ilustre colega, que citou um discurso meu de 1943. Mas não é daí que conheço Gilberto Freyre; conheço-o de 1928, quando trabalhava no Palácio das Princesas, ao lado de Antônio de Aguiar Chaves, servindo a Estação Coimbra. Depois conheci-o na Bahia, quando por lá passou, a caminho do exílio. E lá o conheci junto à aquela velha cozinheira que ele citou no prefácio de "Casa Grande e Senzala" — Eva — que foi realmente excepcional, no seu tempo. É daí que conheço Gilberto Freyre, e continuo a vida afora a ser um dos seus maiores e mais fiéis amigos e admiradores.

Quero, portanto, regozijar-me comigo próprio por ter essa oportunidade de presidir, hoje, o Congresso Nacional, quando recebe Gilberto Freyre. E, recebendo Gilberto Freyre, também recebo sua admirável companheira Madalena Freyre, que todos tanto admiramos. (Palmas.)

Deixo-lhe aqui, portanto, as saudações e a homenagem do Congresso Nacional. Agradeço ao Sr. Ministro da Saúde, aos Srs. Ministros de Estado que se fizeram representar, ao Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal por nos haverem honrado com a sua presença nesta sessão, realmente memorável, por representar a grande homenagem do Brasil a esse grande cidadão e a esse eminente escritor e sociólogo brasileiro e, poderia dizer, mundial. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 17 horas e 4 minutos.)

## ATA DA 54ª SESSÃO CONJUNTA, EM 15 DE ABRIL DE 1980

### 2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 46ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. JORGE KALUME

ÀS 18 HORAS E 30 MINUTOS. ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Adalberto Sena — Jorge Kalume — José Guionard — Eunice Michiles — Evandro Carreira — Aloysio Chaves — Jarbas Passarinho — Alexandre Costa — Henrique de La Roque — José Sarney — Alberto Silva — Bernar-

dino Viana — Helvídio Nunes — Almir Pinto — José Lins — Mauro Benevides — Agenor Maria — Dinarte Mariz — Cunha Lima — Aderbal Jurema — Marcos Freire — Nilo Coelho — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Gilvan Rocha — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Lomanto Júnior — Luiz Viana — Dirceu Cardoso — João Calmon — Moa-